



Conquistando territórios

Igualdade

Mulheres buscam ampliar presença em áreas historicamente masculinas

Em 1945, o pesquisador alemão Otto Hahn recebeu o Nobel de Química pela descoberta da Fissão Nuclear. Lise Meitner, física austríaca e colaboradora de Hahn por mais de 30 anos, desempenhou papel essencial no processo de investigação e não foi sequer citada no discurso de agradecimento. Meitner, em cartas para amigos, mostrou-se desanimada, chegando a escrever: “Julguei um pouco injusto ter sido chamada nos jornais de assistente de Hahn”. Até hoje, essa omissão é considerada um dos maiores equívocos do prêmio.

Décadas passaram até outro incidente, ocorrido este ano em Seul, durante a Conferência para Jornalistas Científicos. O bioquímico Tim Hunt, vencedor do Nobel em 2001, disse ter problemas com colegas mulheres: “Três coisas acontecem quando elas estão no laboratório. Você se apaixona por elas, elas se apaixonam por você e, quando você as critica, elas choram”. O pesquisador ainda manifestou apoio a laboratórios segregados. Dias após a repercussão negativa de suas declarações, ele renunciou ao cargo de professor honorário na University College London.

Determinação – Taisy Weber graduou-se pela UFRGS em Engenharia Elétrica em 1976. Recém-formada, buscou vagas no mercado de trabalho, sem sucesso. Estranhando as recusas – durante a graduação sempre tivera facilidade em conseguir estágios e, para a época, possuía um conhecimento excepcional de computação –, perguntou o motivo. Em vários lugares, a resposta foi a mesma: “Tu não vais ser a primeira mulher engenheira que vamos contratar”. Taisy lembra a dor que sentiu: “Foi uma enorme decepção. Eu achava que em pessoas competentes não se olhava outras características”. Entrou no mestrado e seguiu na academia, onde diz nunca ter sofrido qualquer tipo de discriminação. Hoje, é professora do Instituto de Informática da UFRGS, no qual ajudou a criar o curso de Ciências da Computação, em 1983. Pelo menos em sua área, ela diz perceber hoje um cenário diferente: “Tu não sabes com quem estás falando, jogando ou interagindo do outro lado do computador”.

Marcia Barbosa, diretora e docente do Instituto de Física da Universidade, diz que, até entrar no curso de Física, em 1978, nunca havia percebido o quão masculina era a ciência. Sua turma tinha 80 pessoas, apenas seis eram mulheres. “Aos poucos, percebi que teria



Formada em Engenharia Elétrica nos anos 1970, Taisy Weber não conseguiu emprego em várias empresas unicamente por ser mulher

de demonstrar uma grande competência porque tinha uma diferença que sempre seria relevante”, lembra. Marcia trilhou uma reconhecida carreira, chegando a vencer o Prêmio L'Oréal-Unesco para Mulheres na Ciência em 2013.

Thamy Hayashi narra ter vivido uma experiência parecida ao entrar no curso de Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1984: “Eu pensava: ‘Ninguém vai dizer que eu não posso fazer engenharia’”. Obtinha sempre notas altas, porém, nunca precisava conferi-las já que seus colegas faziam questão de divulgá-las. Hoje, é professora na Escola de Engenharia da UFRGS.

Destaque – Marcia comenta ter sentido discriminação durante seu pós-doutorado nos EUA: “Até na imigração era olhada como aquela latina que veio lavar casas”. Taisy viveu experiência semelhante na Alemanha. Em 1986, na faculdade que frequentava, apenas uma mulher havia feito doutorado em Computação. “Foi um choque cultural enorme; achava que num país mais desenvolvido a igualdade seria maior”. As secretárias do local, suas amigas, pediram um favor: que não defendesse a tese usando um terno preto como a doutoranda anterior havia feito. “Toda a banca era formada por homens de terno preto e eu estava de vestido verde claro florido, um paletó também verde por cima e salto alto”, relembra. Segundo a professora, as secretárias aprovaram o resultado: “Afinal, o ambiente precisa aceitar que as mulheres, se quiserem, podem ser femininas”.

Thamy, por sua vez, destaca a diferença de tratamento que percebe nos estudantes com relação aos professores homens e às

professoras mulheres: “Um aluno interrompeu minha aula pra dizer que eu precisava resolver um problema burocrático para ele. Tive de dizer que não ia resolver nada e exigir que ele saísse. Também já me pararam no corredor segurando meu braço para pedir favores”, conta. Segundo ela, por ser mulher, esperam que você faça as coisas de determinada maneira. Como exemplo, nota que os alunos “ouvem horrores dos professores e não dizem um ‘ah’, mas uma professora levantar a voz e falar uma coisa mais dura...”. Carolina Brito, docente do Instituto de Física, aprofunda: “Esse preconceito às vezes é sutil, e as pessoas encaram como piada, uma brincadeira, mas realmente acaba influenciando”.

Os embates na academia também refletem as diferentes maneiras com que homens e mulheres são educados. Marcia relata que: “Na Física os debates são feitos de forma muito vigorosa, se usa voz alta, se interrompe... Como as mulheres não são preparadas para agir assim, acabam vistas como fracas”. Comenta também que, após ultrapassar preconceitos em eventos em universidades, como ser confundida com a secretária de algum cientista, precisou lutar contra estereótipos do tipo: “Ela é uma histérica; é uma mal-amada”. Para Marcia, o sistema é competitivo e considera o diferente como uma coisa negativa. Hoje, a pesquisadora integra o conselho da Sociedade Brasileira de Física e da American Physical Society, onde se esforça para que os eventos tenham maior diversidade. “Quando vamos escolher os palestrantes, deixo os homens pensando um tempo e, então, pergunto: não existem mulheres competentes nessa área? Imediatamente surgem os nomes.”

Explica que isso ocorre porque as pessoas tendem a imaginar sujeitos parecidos consigo. Carolina resume: “Como pensar um sistema igualitário se ele é composto majoritariamente por homens?”.

Maternidade – Na época em que procurava trabalho, Taisy ouviu de um empregador que a empresa se prejudicava quando as mulheres ficavam grávidas. Então, ela questionou: “Toda segunda-feira aparece um colega de perna quebrada porque jogou futebol no final de semana e fica uma, duas semanas afastado. Isso não é problema?”. Ele respondeu que não, dizendo que “isso faz parte do modo masculino de ser”. Anos depois, Taisy teve uma filha e afirma que, infelizmente, com a atual estrutura social, engravidar realmente afeta a carreira. Defende, porém, que a maternidade não deve ser encarada como um transtorno: “As coisas vão se acomodando, não é algo prejudicial a longo prazo”.

A cientista considera que, mundialmente, é preciso construir um sistema que, além de não complicar a carreira das mulheres, faça com que elas se sintam acolhidas durante a gravidez. Taisy lembra: “Nunca vi ninguém fazendo pressão pra homem machucado dar aula ou escrever artigo, mesmo que a lesão tenha ocorrido numa partida de futebol”.

Marcia ressalta, ainda, uma característica que foi citada por todas as entrevistadas: “A família no Brasil é uma questão privada, tu não tens uma infraestrutura que permita igualar as condições entre homens e mulheres”. Considera que a licença maternidade (120 dias previstos por lei) é curta e a existência de creches nos locais de trabalho irrisória.

Interesse – As mulheres são maioria no ensino médio no país e constituem 60% dos formandos de graduação. Porém, isso ainda não se reflete em todas as áreas do conhecimento. Em escala global, quanto mais próximo do topo da carreira, menor a presença feminina. No último nível do CNPq, por exemplo, apenas 23% são mulheres. Tentando contribuir para mudar esse quadro, Carolina coordena o projeto *Meninas na Ciência* que visa motivar estudantes a optar pelas ciências exatas, engenharias e computação. “Apesar de gostarem de ciência, as meninas não se veem nessas áreas como profissionais”. Ela explica que isso ocorre porque as referências são sempre do sexo masculino, e as meninas desde pequenas, ensinadas a se interessar por outras disciplinas. Thamy reflete: “Não há nada que impeça uma mulher de estudar em qualquer área, caso ela tenha oportunidade”.

Taisy e Marcia contam que existem estudos comprovando que grupos de trabalho heterogêneos, tanto em sexo, quanto em idade ou em área de conhecimento, têm sua produtividade altamente expandida. “Grandes empresas vêm aqui e dizem: ‘Nós queremos as meninas de vocês’ e eu falo: ‘entrem na fila’”, afirma a cientista da computação. Taisy também acredita que a geração atual, que cresceu cercada por computadores, aumentará a presença feminina na área da informática. Para tanto, é preciso terminar com o mito de que computação é trabalhar com máquinas: “Computação não é nada mais que a interação entre pessoas e como tornar essa interação mais fácil”.

Iami Gerbase, estudante do 6º semestre de Jornalismo da Fabico